

NÚMERO AVULSO 50 CENTAVOS

Série de 12 números, pagamento adiantado, 6\$90

Publicidade a preços convencionais

Editor — Eduardo Lopes

Tiragem: 10.000 exemplares

DIRECTOR

HENRIQUE GALVÃO

CORPO REDACTORIAL

HUGO ROCHA

J. MIMOSO MOREIRA

MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção e Administração:

PALÁCIO DAS COLÓNIAS

(Palácio de Cristal)

▼ (TELEFONE 89) ▼

Composto e impresso na «Imprensa Portuguesa», Rua Formosa — Porto

# ULTRAMAR

ORGAO OFICIAL DA EXPOSIÇÃO COLONIAL

A NASCIMENTO

## A INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

Foi-nos incumbido desfazer uma atoarda posta a correr e que pode prejudicar a finalidade dos trabalhos de montagem da Exposição, iniciados, como se sabe, em Outubro do ano passado: — *de que o certame não será inaugurado em Junho, conforme está determinado.*

As pessoas que o propalam não tem qualquer fundamento sério para o argumentar e aquelas que se aproveitaram da condescendência do Director Técnico para visitar o recinto, observando os trabalhos numa fase ingrata de feitos, correspondem mal fazendo juízos precipitados ou prestam ao empreendimento um mau serviço, colaborando numa atmosfera de dúvida, que, despetitados ou ignorantes no assunto, sentenciam como observação.

A montagem da Exposição Colonial iniciou-se num vácuo duma má interpretação, lutando com vícios e ilações tiradas de certames anteriores. Foi necessário esclarecer, por meio de conferências e na Imprensa, o que se pretende fazer, e até mesmo essas explicações, por mal traduzidas, nem sempre resultaram eficazes. Mas uma campanha persistente que dura há meses, uma colaboração de alguns bem intencionados, os favores de outros, foram dissipando essa má compreensão e hoje, com o auxílio da divulgação do plano, do regulamento geral, da classificação técnica dos grupos, de pormenores da composição — há já o convencimento de que uma organização preside à iniciativa, orientando uma manifestação que não pretende ser melhor do que as outras, mas *diferente.*

Tem sido este, afinal, o termo escolhido, repetido, afirmado.



Durante a recente visita da Direcção da Sociedade de Geografia de Lisboa ao Palácio de Cristal. Na aldeia da Guiné, — da esquerda para a direita — capitão Alvaro Afonso dos Santos, Mimoso Moreira, conde de Penha Garcia, coronel Lopes Galvão e tenente Henrique Galvão.

AS obras em curso para a I Exposição Colonial Portuguesa, foram, em 23 do mês pretérito, visitadas por alguns dos mais ilustres colonialistas da capital, tendo à frente o sr. conde de Penha Garcia, prestigioso presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Com eles vieram a esta cidade os srs. coronel Lopes Galvão e capitão Alvaro Afonso dos Santos, também da direcção daquele importante organismo cultural.

A visita, começada logo de manhã, permitiu áqueles colonialistas uma larga observação dos trabalhos que se estão realizando.

Começando pelas obras externas do edificio do futuro Palácio das Colónias, cujo andamento muito apreciaram, passaram os visitantes ao interior do edificio, onde os srs. tenente Henrique Galvão, director técnico e Mimoso Moreira, adjunto, que os acompanharam na visita, lhes puderam mostrar as obras decorativas, já em franco progresso.

Em seguida, tendo visitado as instalações da secretaria e da direcção e o gabinete da Imprensa, dirigiram-se para o parque, percorrendo, demoradamente, a antiga Avenida das Tílias, hoje em obras, desde o princípio ao fim, os jardins, o bosque e os vários miradouros acastelados, de onde se disfrutam panoramas surpreendentes.

A localização das aldeias indígenas, já quasi concluidas, mereceu ao sr. conde de Penha Garcia particulares encómios, bem como o lago e a respectiva gruta, cujo aspecto, agora, fornece uma imagem aproximada do que vai ser, em pitoresco e inédito, a próxima Exposição Colonial.

O sr. conde de Penha Garcia e os seus companheiros, finda a demorada visita, tiveram com o director-técnico uma conferência, a-proósito da organização da secção retrospectiva da I Exposição Colonial Portuguesa, que, como já foi informado, está a cargo da Sociedade de Geografia de Lisboa.

O sr. conde de Penha Garcia manifestou ao director do certame o seu entusiasmo mais vivo pela ideia que a Exposição corporiza e a sua absoluta confiança no êxito mais completo daquella iniciativa.

NUM banquete oferecido há dias, na Legação de Itália, em Lisboa, ao sr. dr. Armino Monteiro, foram impostas, pelo ministro daquella país, as insígnias da Grã-Cruz da Ordem da Estrêla naquelle illustre membro do Governo Português.

Ao acto, a que se referiu, oportunamente, tôda a Imprensa, assistiu o escol da colónia italiana na capital portuguesa, tendo o alto representante da S. M. Vitor Manuel III destacado, a-proósito, as elevadas qualidades de estadista e colonialista que concorrem na personalidade do sr. dr. Armino Monteiro.

A Grã-Cruz da Ordem da Estrêla, que só é dada ás maiores notabilidades, representa o aprêço do Governo italiano pela politica do actual titular português da pasta das Colónias.

ULTRAMAR que já felicitou, por aqueele motivo, o illustre agraciado, renova-lhe, agora, os seus cumprimentos.

♦ ♦ ♦

“O Mundo Português”, que ULTRAMAR annunciou, destacando, desde logo, a sua excelente missão de propaganda e cultura, acaba de aparecer, sob a direcção do dr. Augusto Cunha, colonialista e literato distintíssimo.

O seu primeiro número, cujo luxo de apresentação é, em boa verdade, inexcédível, mostra, através de 48 páginas de texto e um vasto documentário gráfico de *Arte Colonial (Guiné)*, em papel couché, o que o bom gosto e o sentido do modernismo são susceptíveis de realizar.

Colaboram, brilhantemente, neste número inaugural, que trás a data de Janeiro de 1934 e pertence ao volume I, o illustre Ministro das Colónias, dr. Armino Monteiro, que subcreve o intróito, com o título “O Mundo Português”; Gago Coutinho, que assina *Monumentos*; Alberto Osório de Castro, que firma *Alma Colonial*; João de Azevedo Coutinho, a quem pertence *Há 45 anos — “Chilomo”*; Camilo Pessanha, nos versos *Viola Chinesa*, *Teófilo Duarte*, em *Duas Políticas*; José F. Ferreira Martins, em *D. Maria de Mascarenhas, imperatriz da Índia*; Henrique Galvão, em *Costumes indígenas* —



«O choro», e Diogo de Macedo, em *Arte indígena — Guiné I*.

Este número inclui, ainda, sob a epigrafe *Antologia Colonial*, a *Carta de Mousinho de Albuquerque a Sua Alteza o Príncipe Real D. Luís de Bragança*, do folheto *Entre Morto*, de Pedro Galvão.

Vinhetas interessantes, de típicos motivos coloniais, valorizam, ainda, o texto, destacando-se, pela sóbria elegância da factura, a portada da revista, composta ao modo antigo.

Editada, como já dissemos, pela Agência Geral das Colónias e pelo Secretariado da Propaganda Nacional, a nova publicação, que o Ministério das Colónias oficializa, destina-se a vulgarizar o colonialismo português junto, principalmente, da mocidade que estuda.

Ao *Mundo Português* e ao seu ilustre director os cumprimentos de ULTRAMAR, com votos de longa e próspera vida.

♦ ♦ ♦

NO Palácio estiveram, também, de visita, os srs. drs. Silva Neves, chefe da Repartição de Saúde do Ministério das Colónias, e A. Fontoura, professor da Escola de Medicina Tropical, em quem o sr. dr. Aires Kopke, director deste estabelecimento de ensino, delegou a representação da Escola.

Como já se disse, serão feitas curiosas demonstrações de actuação das nossas missões científicas na África.

Estes visitantes retiraram-se, também, lisonjeiramente impressionados com o que lhes foi dado observar.

♦ ♦ ♦

O «Boletim da Sociedade Lusó-Africana do Rio de Janeiro», de que é director o nosso distinto colega António de Sousa Amorim, apresenta-se, no seu número de Outubro-Novembro-Dezembro do ano pretérito, com o mesmo aspecto excelente e valiosa colaboração que ULTRAMAR, justamente, já fez acentuar.

Colonialistas dos mais brilhantes nele firmam originais que merecem interessada leitura.

Este número abre com um artigo da Redacção dedicado a Mousinho, cuja máscara, da autoria do falecido artista português José Tagarro, é, também, publicada.

ULTRAMAR, uma vez mais, diz ao notável órgão da Sociedade Lusó-Africana do Rio de Janeiro, em suas felicitações, mais sinceras pela excelente propaganda que, na capital do Brasil, o *Boletim* vem fazendo do colonialismo português.

♦ ♦ ♦

DEVE, brevemente, vir ao Pôrto o director do Museu de Artilharia que, no Palácio das Colónias, tratará da montagem da sala militar, a instalar, como já se disse, no segundo pavimento do magestoso edificio.

Os trabalhos decorativos nesta dependência da Exposição estão, também, assás adiantados, sendo de esperar que a representação a coordenar, ali dentro, assumia foros de verdadeiro museu.

Importa salientar que a referida sala conterá algumas das mais notáveis relíquias da epopeia militar dos portugueses na ocupação dos seus actuais domínios ultramarinos, nela devendo figurar, entre outras, a famosa espada de Mousinho de Albuquerque.

Sem fugir às bases duma exposição nacional, esta, dada a sua natureza, tem fatalmente de ser *diferente*: na ordem, nos objectivos, nos processos e no ritmo.

Quem, aliás, de perto tenha observado a marcha dos trabalhos, sabe que isso assim é. Comando único, ideias claras, programa firmado, execução rigorosa... e uma grande dedicação em volta dum empreendimento mal compensado materialmente por insuficiência de verbas.

A sequência dos trabalhos foi prevista cronologicamente. A fase dos fundamentos está vencida. Corridos os concursos, obtidos os orçamentos, distribuídas as concessões, assentes as empreitadas, os trabalhos seguem seu curso normalmente. O seu início, como a sua marcha e conclusão foram previstos, assentes, contractados.

Das colónias está assegurado o concurso etnográfico, que é de capital importância para o certame, não só como documentário, mas também como atracção. Os elementos solicitados começam a ser recebidos e prevenidos oficialmente nos Governos Ultramarinos de que o seu auxilio resultará estéril se não for prestado a tempo. Há a convicção de que todos os colaboradores vão procurar evitar a sensaboria e as despesas inúteis de expedições de mostruários após o mês de Abril — pela razão simples, clara, indiscutível de que a Exposição é para ser inaugurada em Junho. Esses mostruários tem de ser transportados, despachados na alfândega, desembalados e montados, pelo menos, em mês e meio, o que não é demais.

Na parte da colaboração da Metrópole a mesma impressão está radicada. Os expositores compreenderam já, evidentemente, que a Exposição Colonial pode muito bem ser inaugurada e posta a funcionar sem a representação dum stand de perfumarias, de panelas de alumínio ou de caixas de relógios, cuja montagem se atrasou.

O que não estiver composto em 30 de Maio — fica para outra exposição e não se fala mais nisso...

Sabe-se que há pessoas aborrecidas por não terem encontrado bons locais. Mas também essas não de conformar-se, pois já lhes tem sucedido viajar de pé no eléctrico ou no comboio por terem chegado tarde e alguns mesmo terem deixado de ir a espectáculos por ter sido esgotada a lotação antes de adquirirem bilhetes.

Restam alguns serviços capitais — que estão, aliás, em bom caminho.

A decoração vai numa altura, pode dizer-se, a mais de meio da sua execução. A montagem eléctrica foi iniciada já, dentro do período calculado para a sua instalação. A nave central tem os seus grupos organizados, com os móveis próprios, nos seus lugares, onde se iniciou a desposição dos objectos. Nas naves laterais estão sendo montados os primeiros stands. No hall da representação retrospectiva e na sala destinada a exhibição de documentários históricos, prosseguem os trabalhos. Os pequenos pavilhões, monumentos e alegorias dessiminados pelo jardim e parque, confiados a empreiteiros, que tem os seus contractos, estão construídos e aguardam simplesmente a época própria para o revestimento a *staff* e acabamentos. Os revestimentos das fachadas, principal, lateral e da rectaguarda, feitos nas mesmas condições dos pavilhões, devem estar concluídos com algumas semanas de antecedência à data marcada para a inauguração. As aldeias (agrupamentos de palhotas), estão quasi todas terminadas e prontas a receber os indígenas e quando chegarem ao Pôrto os operários negros que de Angola e da Guiné foram solicitados para, antecedendo os outros algumas semanas, lhe darem aspecto típico — tem somente a missão dos acabamentos ou qual-quer possível modificação.

Bastantes são também os trabalhos de execução fora do recinto da Exposição e alguns são feitos em Lisboa ou nas colónias.

Factores paralelos poderiam prejudicar a intenção de inaugurar a Exposição em Junho: — os trabalhos do município, cujo início foi demorado. Mas não deve ser por isso que se gerou a dúvida. A reparação dos jardins está em franca execução; a reconstrução da sala incendiada vai ser iniciada, assim como o beneficiamento dos salões de festas e restaurante; a montagem de novos sanitários e pavimentação das ruas do jardim está assegurada e as obras na projectada rua de Júlio Denis proporcionam à Carris iniciar a construção da linha do eléctrico, da qual depende, como se sabe, a boa ordem no acesso do público ao recinto da Exposição e a modificação do trânsito de veículos nas ruas limítrofes.

De resto, a marcha destes trabalhos e outros, cujo andamento tenha de ser accionado, depende da quantidade de pessoal, que pode ser aumentado dum momento para o outro; embora nem sempre o pessoal em grande número dê proporcional rendimento, quando lhe não preside uma boa orientação e da parte dos que dão o seu curso ao empreendimento não procedem, como se observa no pessoal ao serviço da Exposição, com capricho de bem servir e cumprir escrupulosamente quanto se comprometeram.

Desfaça-se, pois, a dúvida da probabilidade da inauguração do certame na data própria e estabeleça-se antes a convicção de que depois de 30 de Maio quanto não estiver no Palácio de Cristal — *fica para outra exposição...*

MIMOSO MOREIRA.

## Os grupos excursionistas e a Exposição

### A actividade do Grupo Excursionista «Alma Lusa»

Reuniu, em sessão extraordinária, a Comissão Administrativa do Grupo Excursionista «Alma Lusa».

Foi tomado conhecimento oficial da estada, entre nós, dos srs. Delfim Teixeira e José Castilho, delegados da Federação das Sociedades de Recreio, de Lisboa, que a esta cidade vieram tratar de assuntos referentes a uma excursão ao Pôrto que aquele organismo efectuará quando da Exposição Colonial Portuguesa, avultando a recepção aos excursionistas, que se relacionará com a Parada dos Grupos do Norte, que o «Alma Lusa» está organizando.

Os delegados de Lisboa retiraram plenamente satisfeitos, por constatarem que o entusiasmo nos Grupos do Norte é crescente, dadas as numerosas adesões já recebidas e que em breve serão publicadas em todos os jornais do Pôrto e Lisboa.

Pelo «Alma Lusa» estão sendo dirigidas a todos os Grupos, as seguintes circulares:

«Conforme as notícias inseridas nos jornais do Pôrto e Lisboa, e sob o patrocínio do sr. tenente Henrique Galvão, digno director-técnico da Primeira Exposição Colonial Portuguesa, propõe-se este Grupo levar a efeito uma grandiosa manifestação de apoteose àquele certame — reflexo sintético do nosso Império Colonial — e que a esta Cidade trará milhares de pessoas de todos os pontos do País e até do estrangeiro.

A manifestação projectada resume-se na recepção aos Grupos visitantes e numa parada apoteótica à Primeira Exposição Colonial Portuguesa, a realizar em data a designar, e em cuja manifestação se reunirão, sem divisão algum, todos os Grupos Excursionistas, Recreativos, Musicais, Clubes Desportivos e Caixas de 20 Amigos, do Norte, que se farão acompanhar das suas bandeiras ou estandartes, bandas de música e tunas.

A Comissão Administrativa do Grupo Excursionista «Alma Lusa», organizadora desta manifestação roga a V. E.<sup>as</sup> se dignem enviar-lhe a sua adesão urgentemente, a fim-de poder organizar efectivamente os trabalhos relativos à dita manifestação, para o que serão necessárias ainda algumas semanas de trabalho.

Pelos jornais diários iremos dando mais informes e resultados de adesões recebidas, assim como inseriremos no nosso jornal «Alma Lusa», dedicado à Exposição Colonial, variada colaboração referente àquele certame e ainda a algumas entidades aderentes à parada a realizar.

Desconhecendo-se a sede de muitas Colectividades de Recreio, Excursionismo, Desportistas, Caixas de 20 Amigos, etc., roga-se o favor de informarem o «Alma Lusa» para a R. da Fábrica, 42, para este lhes enviar a circular referida.

A C. A. encontra-se em sessão permanente para atender todos os assuntos que se prendem com a recepção e parada apoteótica».

**ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA**





EMFIM, JUSTIÇA!

Algumas notas sobre o Império Colonial Português

Traduzimos, a seguir, de *Vu*, a conhecida revista francesa de actualidades, o artigo que, sob a epigrafe *Quelques notes sur l'Empire Colonial Portugais*, ali vem publicado, no número especial consagrado à Colonização.

Como são, na sua generalidade, expressões de justiça que não podem deixar de nos ser gratas, na íntegra as reproduzimos:

«Portugal, pela extensão pela importância dos domínios ultramarinos que lhe restam, ocupa o quarto lugar entre as nações coloniais. Alguns, entretanto, consideram-no como a terceira potência colonial, em virtude da excelente distribuição geográfica das suas possessões, pósto que ele se coloque na quarta fila no que diz respeito a superfície das suas colónias, cujo total é inferior em duzentos e tantos quilómetros quadrados à do Congo Belga. Além das suas colónias da África (Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Cabo-Verde, Guiné Portuguesa), da Ásia (Índia Portuguesa e Macau) e da Oceânia (Timor), que cobrem uma superfície de mais de dois milhões de quilómetros quadrados, Portugal possui os arquipélagos dos Açores e da Madeira, que não são considerados como colónias, mas como *territórios adjacentes*, prolongamentos da metrópole. O arquipélago dos Açores, situado no Oceano Atlântico, em frente de Marrocos, compõe-se de nove ilhas das quais as mais importantes são as de S. Miguel, Terceira, Faial e Pico. S. Miguel apresenta panoramas da mais maravilhosa e grandiosa beleza; os pitorescos vales de Furnas e de Sete Cidades facilmente acessíveis, para quem vai da capital, nalgumas horas de automóvel, justificam, por si só, uma viagem ao arquipélago. Quanto à ilha da Madeira, os seus encantos naturais, a doçura do seu clima, os seus vinhos e os seus bordados criaram-lhe uma reputação mundial. Ela é, por excelência, um centro de turismo; as suas qualidades, sob este ponto de vista, são incomparáveis.

A provincia de Angola está situada na costa ocidental da África, ao Sul do Equador, entre os paralelos 4 e 18, e é compreendida entre a embocadura do Zaire, ou Congo, e a do Cunene, confinando com a África Equatorial Francesa e o Congo Belga.

Na região dos planaltos, em que as altitudes variam entre 1:000 a 1:800 metros, o europeu vive perfeitamente, sob uma temperatura que se estabelece, conforme as estações, entre 7 e 24 graus. Angola possui portos magníficos (Lobito, Luanda, Amboim, Mossamedes), perto de 2:000 quilómetros de vias férreas, 20:000 quilómetros de estradas. As suas riquezas agrícolas são numerosas. Vastos recursos minerais ali existem tais como diamantes, cobre, ouro, ferro, chumbo, manganês, enxofre, ocre, giz, mármore, calcários, sal, prata, argila para cimento, arsénico, assim como grandes quantidades de hidrocarbonatados para largas aplicações, tais como petróleo, óleos, carvões, linhite, etc.

A colónia de Moçambique, na costa oriental da África, é limitada, a Norte, pelo território de Tanganyika, denominação que os ingleses deram à antiga África Oriental Alemã, a Oeste pela Niassalândia, a Rhodésia e o Transvaal, e a Sul, pela Suasilândia; o Oceano Índico constitui, a Este, a sua fronteira natural. Além de uma importante rede de estradas para automóveis, Moçambique possui, presentemente, uma rede de caminhos de ferro superior a 1:200 quilómetros. Os seus melhores portos são os de Lourenço Marques e da Beira. O primeiro é, mesmo, pela sua excelente situação, pelas suas condições naturais e pelo seu magní-

fico apetrechamento, o melhor pórtio de toda a África. Falta-nos o espaço para uma larga referência às riquezas mineiras, agrícolas e industriais de Moçambique. Mas, parece-nos indispensável dizer algumas palavras sobre a sua bela capital. Há um século, Lourenço Marques possuía, além da feitoria, uma única casa, construída de madeira. Hoje, é uma grande cidade moderna, saneada, com belos edifícios públicos e particulares, parques, jardins, teatros, clubes desportivos, carros eléctricos, ruas bem pavimentadas, uma rede suburbana de vias electrificadas, uma praia admirável (Polana) com um hotel que não tem rival em toda a África do Sul (150 quartos com salas de banho e todo o conforto e luxo modernos) que custou 400:000 libras. O suave clima de Lourenço Marques, a sua praia, o seu hotel, os seus terrenos para *golf e tennis*, as suas corridas de cavalos, as suas facilidades de pesca e de caça fazem desta cidade um centro de turismo já de-veras famoso. Chama-se-lhe a «*Côte de Azur da África do Sul*».

E' com pesar que não podemos referir-nos, senão ligeiramente, à Guiné Portuguesa, tão rica de possibilidades, à Índia Portuguesa (Goa, Damão, Diu), tão rica de magníficas recordações, às belas ilhas de Cabo-Verde, à longínqua Timor, onde Portugal é vizinho da Holanda e ao enclave chinês de Macau, cidade admirável, progressiva, da qual o grande turismo já se apodera, e que é uma amostra do Paraíso... Não nos seria, entretanto, possível deixar de consagrar algumas linhas à colónia de S. Tomé e da ilha do Príncipe—a pérola das colónias portuguesas. S. Tomé e Príncipe está situada ao fundo do Golfo da Guiné, na baía de Mafra (Biafra). As duas ilhas estão divididas em domínios por vezes vastíssimos, em que se vêem as plantações de cacau, de café, etc., e que se chamam as *roças*. Estas *roças* mostram até onde pode atingir o esforço de colonização dos portugueses, com a sua administração modelo, as suas plantações magníficas, as suas esplêndidas casas de habitação, tanto para uso do europeu como dos indígenas, os seus estas belecimentos de banhos, creches, hospitais, as suas estradas e os seus caminhos de ferro.

O professor Brumpt, da Faculdade de Medicina de Paris, tendo visitado S. Tomé em 1923, de passagem para o Congresso Internacional de Medicina Tropical, que se realizou em Luanda, escreveu isto: *A excelente organização do serviço médico em S. Tomé faz com que o estado sanitário dos indígenas seja, aqui, excelente. O exemplo dado por esta pequena colónia vitorizada com capitais exclusivamente portugueses, deveria ser seguido por todo o mundo, para bem da política indígena, dos colonos e dos países colonizadores. Certos estrangeiros, sob o pretexto de associações anti-esclavagistas, mas, na realidade, com um objectivo económico, tentaram caluniar a organização de S. Tomé. Nós podemos afirmar que, nas colónias desses países, os indígenas estão longe de ser tão bem tratados, tão bem alimentados e tão bem cuidados quando estão doentes, como nas plantações da magnífica ilha equatorial do golfo da Guiné.*

Alguns pontos dignos de confronto: Em 1930, 1:617 navios entraram em Lourenço Marques e aí embarcaram e desembarcaram 1.876.000 toneladas de mercadorias e 163.025 passageiros. Durante, o mesmo ano, 1:383 navios entraram em Durban, 740 em East London, 644 na Beira, 601 em Dar-es-Salam e 681 em Mombaça.

Para a África Ocidental Francesa, Madagascar e a África Equatorial Francesa,

vasto império de mais de vinte milhões de habitantes, o *Anuário Estatístico da França* numerava, em 1930, 3:669 quilómetros de vias férreas. O Congo Belga tinha conseguido, no mesmo ano, atingir o número de 3:700 quilómetros. A Itália, nas suas grandes colónias, tinha 849 quilómetros de vias férreas. A Nigéria, para as necessidades dos seus dezanove milhões de habitantes, possuía 1:381 milhas e a Rhodésia do Norte 506 milhas. Ora, na mesma época, em Angola e Moçambique, Portugal tinha, já, 3:750 quilómetros de vias férreas em exploração.

Em 1928, o comércio total da África Ocidental Francesa, com os seus onze milhões de habitantes, atingiu 2:761 milhões de francos, ou sejam 249 francos por indivíduo. No decurso do mesmo ano, o movimento de importação e de exportação da África Equatorial Francesa, assim como de Madagascar e das suas dependências, elevou-se a 1:550 milhões de francos, o que dá, em relação aos 6:750:000 habitantes que ali existem, a cifra de 230 francos por cabeça. Em 1929, o comércio total das colónias inglesas do Kénya, do Uganda e do Tanganika subiu a 26.071:291 libras esterlinas, o que dá 2 libras e 6 xelins por habitante.

A Nigéria, povoada por mais de dezanove milhões de negros, apresentava um comércio avaliado em cerca de 31 milhões de libras, ou seja 1 libra e 12 xelins por cabeça. As colónias italianas da África tiveram, em 1930, um comércio marítimo representado por 851 milhões e meio de libras, ou sejam 373 libras, por habitante.

O comércio exterior do Congo Belga atingiu, em 1930, 3:320 milhões de francos, o que dá 395 francos por habitante. Em 1930, o comércio total das colónias portuguesas foi de 4:224 contos, ou sejam, por cabeça de habitante, pouco mais ou menos, 598 escudos (cerca de 480 francos franceses, ao câmbio actual).

Os nossos leitores encontrarão, de resto, todos os outros esclarecimentos referentes às colónias portuguesas, na Casa de Portugal, 7, Rue Scribe, em Paris».

Como os leitores de ULTRAMAR puderam verificar, há, no artigo transcrito, determinadas inexactidões que merecem censura, particularmente aquelas que contêm com o rigor da geografia. Entretanto, porque o artigo nos presta justiça, queremos perdoad-las, fazendo de conta que não existem. E', pois, uma gentileza merecida...

BESUCHT DIE

PORTUGISISCHE KOLONIAL AUSTELLUNG

welche in der Stadt Oporto von Juni bis September 1934 stattfinden wird

Portugal das älteste der gegenwärtigen kolonisierende Länder, das Land das durch seine Entdeckungen der Welt neue Welten gab, wird in seiner *National Kolonialen Ausstellung* nicht nur die glänzenden Ergebnisse seiner modernen Anstrengung und Fleiss vorführen, sondern auch seine äusserst eigenartigen Kolonialmethoden neuorganisiert und festigt durch eine Politische Nationaler Neuerstellung, welche als Vorbild dienen kann in den unruhigen Krisenstunden welche die Welt durchziehen.

Wenn der international Augenblick sich voll Ungewissheit und Zweifel, Auflösung und Unordnung einstellt in eingestandener Machthlosigkeit gegen die Weltkrisis, Portugal im Bewusstsein seiner Grösse, hat sich im Kontinent und den Kolonien wieder organisiert seine Politik gebietend die Ordnung und Disziplin wiederhergestellt hat, im sozialen, politischen sowie im wirtschaftlichen und sozialen Leben.

Die *Kolonial Portugisische Ausstellung* wird eine Verwirklichung des portugisischen Geistes sein, durch einen neuen Staat in seinen Kolonialen Werk erneuert.

Die Ausstellung wird ind der alten und ehrwürdigen Stadt Oporto stattfinden, die zweite Stadt des Landes in der Mitte einer der wundervollsten Zone des Tourismus, die Stadt welche dem Weltbekanten Weine den Namen gab.

Besucht die *Portugisische Kolonial Ausstellung* welche vom Juni bis September 1934 stattfinden wird im Land der Sonne, in der materichsten und charakterichsten Stadt Portugal.

Koloniale tentoonstelling in Porto

Dit jaar zal er van Maart tot hief najaar een koloniale tentoonstelling te worden gehouden in Porto. Deze belooft zeer interessant te worden en ongetwijfeld is bij vele bezoekers van de koloniale tentoonstelling te Parijs de herinnering levendig gebleven aan hetgeen Portugal als koloniale mogendheid nog steeds presteert. Voor nadere bijzonderheden wordt verwezen naar het Consulaat-Generaal van ULTRAMAR, Johannes Verhulststraat 128, Amsterdam.

(Notícia anunciando a Exposição e publicada no grande diário de Amsterdam *De Telegraaf*, de 28 de Fevereiro findo, devido à iniciativa do sr. Dr. Borges dos Santos, illustre cônsul geral de Portugal naquela cidade holandesa.)



Panneaux decorativo do artista Ventura Júnior. Representa as Colónias oferecendo os seus produtos à Metrópole



## A Exposição Colonial do Pôrto

A Exposição Colonial do Pôrto é um acontecimento nacional do mais alto relevo, que vai ter uma grande repercussão no Estrangeiro.

Ela vai constituir para muitos descrentes uma prova palpável e grandiosa do que somos, do que valem, e das nossas possibilidades. O que temos feito atesta claramente a vitalidade da Raça.

A Descoberta, a criação da grande Nação brasileira e posteriormente a obra colonial, silenciosa mas segura, que temos realizado nas nossas possessões, atestam um esforço criador notável.

Os estrangeiros que visitam as nossas colônias ficam justamente surpreendidos com o progresso que nelas encontram.

Formar um todo homogêneo, econômico e moral, solidário com as nossas colônias é ampliar a grandeza da Pátria e da Nação, é torná-la muito maior do que nos habituamos a considerar, levados pelo nosso incorrigível pessimismo.

A Exposição determinará, através da lição que nos vai dar a todos, uma ampliação maior dos nossos horizontes um orgulho maior de ser portugueses.

Por isso, desde a primeira hora, me pus incondicionalmente, e a Região Militar do meu comando, ao seu dispor.

O elemento militar terá nela valiosa representação. A Colonização deve muito ao Exército.

É preciso estabelecer entre a Metrópole e as Colônias uma maior comunhão sob o ponto de vista militar, — formar do território nacional um todo sem distinção, enviar às Colônias o esol dos nossos oficiais.

Temos ligadas às Colônias páginas brilhantes de heroísmo militar. Recordá-las é recordar toda uma epopeia de sacrifícios, uma galeria extensa de heróis e mártires que não deixará de figurar na Exposição para conhecimento de todos, e comolição, de civismo para a mocidade a quem queremos transmitir intacta herança dos nossos Antepassados.

JÚLIO SCHIAPPA DE AZEVEDO,

Comandante da 1.ª Região Militar.

## ULTRAMAR

vende-se em Lisboa na  
TABACARIA MONACO



S. Tomé — Um aspecto da Roça Agua Izé

## Uma nova manifestação duma velha ignorância

É, já, pela sua freqüência, uma coisa em que ninguém deve atentar, o desconhecimento malcriado de certos estrangeiros em relação à actividade colonial dos portugueses.

Por vezes, tal desconhecimento transpõe os limites da má criação e entra, abruptamente, pelos domínios da injustiça torpe, do agravo, da calúnia, do insulto.

Há dias, por exemplo, um senhor da Hungria fazia córo, em voz altissonante, com os invejosos e ignorantes que costumam assacarnos deficiências e faltas inexistentes, recebendo, logo, de várias penas portuguesas transformadas em chichos — quero destacar, entre elas, a de Henrique Galvão, — os açoites que a sua maldade requeria.

Mas o caso, naturalmente, não podia circunscrever-se ao húngaro de maus fígados e avariado cérebro.

Muitos outros hão-de aparecer, ainda, com maior ou menor maldade, a afirmar que Portugal, terceira potência colonial, é assim, que Portugal, mestre de colonizadores, é assado...

Dentro da encadernação mais vistosa ou de menor aparato, não faltarão os ataques volumosos. E as pedradas hão-de ser jogadas, sempre, pelos garotos das vielas internacionais, com os calhaus que, na ocasião, mais perto lhes estejam das mãos sujas.

ULTRAMAR, já agora, sem se arvorar, o que lhe não está, propriamente, na índole, em guardacostas do brio nacional, quer apontar, de vez em quando, à excreção dos seus leitores o perfil anguloso e antipático dos ignorantes, dos alarves e dos malandrins da pena que se entreteem, de quando em vez, ratando na dignidade portuguesa e esguichando-nos sobre as botas a substância viscosa que o seu despeito, a sua inveja, a sua ignorância, a sua má-vontade usam segregar.

Vu, o notável hebdomadário parisiense, consagrava o seu número de 3 do mês pretérito à Colonização. Importa dizer que se trata dum número especial, admiravelmente organizado, com um aspecto gráfico aliciante e um recheio literário que o torna, a todos os títulos, excelente.

Apenas, — o que não deixa de ser natural, tratando-se duma publicação francesa — nem sempre o rigor da verdade corresponde, no seu texto, ao rigor da apresentação.

Gaston Bouthoul — certamente um colonialista francês de envergadura, porque assina, logo, o segundo artigo na série da colaboração, subordinado à epígrafe *Destinos históricos das Colônias*, — entre alguns períodos equilibrados da sua prosa evocativa, apresenta outros que não podem passar sem reparo.

A dada altura, escreve, textualmente: *Difficilmente, se pode falar de verdadeira colonização na Idade Média, mas a Renascença e as grandes descobertas marítimas abrem, largamente, a via à colonização europeia.*

E prossegue: *Desde o começo, esta é empreendida, essencialmente, por três nações, os ingleses, os ibéricos (espanhóis e portugueses) e os franceses, e, cedo, apresenta, pelo menos, quanto aos dois primeiros grupos, caracteres que, para o futuro, guardará. A colonização ibérica parte dum princípio religioso e autoritário, ao mesmo tempo. Destrói todas as instituições e crenças que possam ter existido, antes dela. Sem visar destruí-la, reduz à escuratura ou a um irremediável idiotismo a população indígena.*

Pelo contrário, na opinião deste sr. Bouthoul, a colonização francesa é modelo de colonizações, desde o sentido material ao moral. Ela é a sem-mácula, a perfeita, a excelsa. E garante, dogmático: *A colonização francesa é a que passou por mais vicissitudes no decorrer da História. Foi, por duas vezes, interrompida. Porisso, pode dizer-se, sem paradoxo, que os franceses são, ao mesmo tempo, os mais antigos e os mais recentes de entre os povos europeus colonizadores.*

Estas últimas afirmações, dado o aspecto particular que o seu autor lhes confere, não podem ofender grandemente, os portugueses. O mesmo não acontece, todavia, com os anteriores, que misturam, lamentavelmente, espanhóis e portugueses, dando-nos, mesmo assim, no quadro dos povos colonizadores, nas eras do Renascimento, e, talvez, ainda, por favor, o terceiro lugar.

Não há tempo nem espaço para reproduzir, aqui, o grosso das passagens do artigo de Gaston Bouthoul.

Muitas outras haveria, certo, dignas da nossa atenção. Estas, porém, pelo seu significado de particular ignorância, não podem ficar sem protesto.

Que a colonização francesa tem sido notável, particularmente, pelo que respeita ao aperfeiçoamento material dos vastos territórios entrados na posse da França, é afirmação que não deve ser contestada.

Que a França, todavia, detém a corôa da supremacia colonial, em todos os ramos da colonização, eis um aserto que não pode passar senão como fanfarronada ou, pelo menos, como indelicadeza.

Num interessante artigo da redacção, intitulado *Algumas notas sobre o Império Colonial Português*, que apresenta, apenas, o defeito de

vir inserto em último lugar — como justificar mais esta falta de cortesia? — *Vu* faz justiça a Portugal, anulando, em parte, a impressão penosa que nos deixou a leitura do artigo de Bouthoul. Damo-lo, mais adiante, aos leitores de ULTRAMAR, para que não se suponha que, uma vez por outra, os franceses não sabem fazer justiça a quem a merece e para que se veja como tomba pela base o princípio odioso das afirmações daquele publicista francês.

Queremos, ainda, acentuar que o autor do artigo que, principalmente, nos suscitou estas palavras, ao apresentar, no fim das suas, a colonização francesa como aquela que mais se aproxima do tipo ideal da colonização, se esquece, criminosamente, de que, mais que qualquer outro povo, os portugueses tem direito ao título que Gaston Bouthoul reivindica para os franceses.

Em fim — diz ele — *a forma de colonização mais difícil de praticar, porque exige não a aplicação rígida duma fórmula mas um esforço sempre renovado de compreensão, uma generosidade paciente, atenta e alguma dádiva de si próprio, é a que leva a integrar as colônias na nação.*

As suas populações são postas no mesmo pé de participar, pouco a pouco, da civilização da metrópole como dum bem comum. Esta forma praticada, desde o princípio, por um instinto em que revive a tradição romana, produziu, já, estes vivos paradoxos que são as províncias francesas das Antilhas ou do Oceano Índico. Actualmente, nos antigos estados barbárescos, não somente criou em menos de duas gerações na ordem material uma obra imensa — hoje, toda a gente pode realizar o apetrechamento técnico dum país — mas, sobretudo, na ordem cultural, permitiu uma integração e, qualquer que ela seja, uma cordialidade de que não há exemplo noutra país.

E aqui tem os leitores de ULTRAMAR como pensa o publicista francês que, tão farfalhadamente, louva os processos de colonização da sua pátria e, tão lamentavelmente, esquece os da nossa, velha mestra, quer queira quer não, em tal matéria.

Resta-nos, porém, a consolação de crer que ele leu, também, o que *Vu* escreve sobre o Império Colonial Português e se arrepende, talvez, de tantas barbaridades cometidas, mercê da sua ignorância francesíssima a da sua francesíssima vanglória...

HUGO ROCHA.

## TRIBUNA DE TODOS

O problema do alojamento durante o certame — Um alvitre

Um leitor do ULTRAMAR escreve-nos lembrando que poderia ser aproveitado o antigo edifício da Caixa Geral dos Depósitos, à rua 31 de Janeiro — hoje na posse do Estado — para, com ligeiras obras, ser instaladas acomodações para pernoitarem, a preço reduzido, os componentes dos grupos excursionistas, desportistas e escotistas da província que tencionam visitar o Pôrto por ocasião da próxima Exposição Colonial.

O lucro dessa exploração — alvitra o nosso correspondente — poderia reverter para a Casa dos Pobres ou outra instituição de caridade.



# DUETO

Não resistimos à tentação, aliás oportuna, das transcrições que seguem:

Dos jornais

«BERLIM, 22.—A Associação Colonial Alemã organiza para 8 de Julho próximo a Jornada Colonial Alemã a fim de comemorar a inauguração da política colonial do império, feita por Bismarck em 1884. Um apêlo publicado pela Sociedade Colonial declara que a jornada de Julho próximo manifestará a «vontade do povo alemão de reconhecer a sua honra colonial ferida, reivindicar a igualdade do direito da Alemanha em matéria colonial e reclamar a satisfação das necessidades coloniais alemãs».

Do discurso de Mussolini:

«Os objectivos históricos da Itália são a Ásia e a África. Há pouco a fazer, ou quasi nada, no Norte, nada a Oeste. Comunicações rápidas unem a Itália à África e à Ásia. Não se trata para a Itália de conquistas territoriais: que o saibam todos os que estão perto ou longe. Trata-se duma expansão espiritual e natural, a fim de activar a *mise en valeur* dos recursos da África e da Ásia, a fim de espalhar naqueles continentes os benefícios da civilização. Hoje, que o Mediterrâneo retomou a sua importância no tráfico entre o Oriente e o Occidente, esse direito e esse dever impõem-se mais do que nunca à Itália. Pedimos, queremos, que os *arrivés*, os abarrotados, os satisfeitos, os conservadores, não bloqueiem a expansão espiritual, económica e politica da Itália fascista».

Significativamente, dois homens que no momento actual dispõem, pode dizer-se incondicionalmente, do Governo de duas grandes nações, a Alemanha e a Itália, fazem sentir aos países coloniais as suas ambições de expansibilidade económica e demográfica.

A Alemanha, em passo acelerado, a breve trecho transformado em galope, a carga, caminha para as exigências coloniais.

A Itália, pátria de Maquiavel, em tom de quem não admite réplica, diz não pretender ocupações de conquista, mas tão somente influências económicas, na pratica uma occupação de facto, daquilo que é pertença dos *furios* e *abastados*, em domínios coloniais.

A camuflagem é tanto celestial, e a civilização e o desenvolvimento das riquezas explorando-as em proveito próprio como é de bem entendida caridade.

Não se torna necessário ser aguilha para atingir, com a maior facilidade, quais os fins a que os dois querem chegar.

E dado o caso, que se dá, das nações a quem foram entregues os mandatos coloniais não estarem dispostas a largá-los, fácil é também, e por exclusão de partes, calcular a quem o convite à valsa é endereçado.

Quem fazer-nos *cantar* enquanto os dois, *deliciosos par*, dançarem no compasso da nossa canção, se é que não agastam-nos.

Por isso é que Portugal necessita fazer a sua propaganda edemonstrar o que, em matéria colonial, tem feito, está fazendo e vai fazer.

Ora há por aí muita gente, santa gente, que não compreende qual a finalidade dos esforços de trabalho, de energia, de dinheiro, que o País vem fazendo nas realizações económicas e politicas coloniais, levando-a até que, com sorrisos de céticos e esgares de derrota, critica e anedotiza a propaganda colonial que, de há três anos a esta parte, se vem realizando no Porto e Norte do País, em esforço patriótico e desinteressado.

Neste momento é a Exposição Colonial, que se realiza no Porto, o motivo dos sorrisos.

Estão no seu direito, pessoalmente. Mas, civicamente, cometem uma falta e dão prova de ignorância.

Quem se abalança a esta obra, não o faz pelo simples capricho de brincar às Exposições. — Fé-lo, conscientemente, patrioticamente e, chegado o momento de agir, de executar, procurou os elementos de saber, de trabalho, de vontade, que podessem realizar, executando, uma das parcelas do programa de propaganda.

E tanto assim é, que o Governo do País, e muito bem, deu o seu apoio moral e material ao cometimento e tem sido, diga-se em abono da verdade e da justiça, o mais dedicado animador da Exposição.

Ela é um facto: está em marcha. Não uma feira, mas um documentário histórico, económico e politico, em ambiente onde não faltará alegria porque, assim como o ditame latino diz: *Ridendo castigat mores*... nós poderemos dizer:

Sorrimo, alegremente, se ensinarem os ignorantes.

EDUARDO LOPES,

da Comissão Executiva do Movimento Pró-Colónias.

## MAIS PEDRAÇAS ESTRANGEIRAS

# Sôbre o colonialismo português

para as quais «ULTRAMAR», a titulo de curiosidade, chama a atenção dos seus leitores...

Quasi pode parecer que este número de ULTRAMAR se consagra, especialmente, a tratar dos que dizem mal do colonialismo português...

Completando... por assim dizer, os artigos dos nossos colegas Hugo Rocha e Eduardo Lopes, reproduzimos, a seguir, da revista parisiense *Voilà*, de 17 de Fevereiro pretérito, parte duma crónica da escritora francesa Titajna, que, parece, tem feito reportagens internacionais e publicou uma série de artigos sôbre o Extremo-Oriente.

Os leitores de ULTRAMAR terão, assim, o ensejo de se rirem um bocadinho, já que não vale a pena zangarem-se com a escritora, cuja estupidéz mete dó...

Eis os pedacinhos de ouro dessa reportagem, que visa a nossa Colónia de Timor:

«Timor português é a única colónia, onde o elemento indígena perde todo o interesse em relação ao seu senhor estrangeiro. Neste país de anarquia, encontrei esta fantasia, excluída dentre os povos civilizados pela disciplina. Não há moeda. O Tesouro, que, há muito tempo abriu falência, criou um papel-moeda, a «pataca», que não tem nenhum valor, porque, não assentando sôbre qualquer base segura, serve, apenas, para as transacções internas.

Não podendo pagar aos funcionários, o Governo, promulga, simplesmente, este decreto: «Os comerciantes chineses tem obrigação de dar crédito a todo o empregado publico».

Isto dura há dois anos. Os lojistas, um a um, quebram e desaparecem. Timor-Deli, a capital (?), da colónia portuguesa era um museu. Se aí penetrardes, está vazia. Os governadores venderam tudo que continha, em beneficio do seu cofre pessoal. Conheci um holandês que conseguiu, assim, ser proprietário dos mais belos livros de navegação do século XVII. Tendo-os pago em florins, o vendedor ficou, assim, com alguns...

No cais, carcassas de ex-automóveis estão para alugar, conduzidas por proscritos que deitaram bombas em Lisboa. Como me dirigisse ao director do Banco para um aluguer serio, paguei cinco vezes o preço justo; comunista-«chauffeur» e banqueiro-intermediário dividiram a comissão entre si.

Foi da boca dèste mesmo director do Grande Banco Nacional, que ouvi esta afirmação: «O comandante dum barco holandês, cansado de esperar dias e dias, horas e horas, por conferências às quais êle era o unico a comparecer, acabou por dizer, com altivez, ao grande-chefe das Finanças:—

— Amanhã, de manhã, às oito horas, sem falta...

— Sete horas e meia, senhor.

— Não peço tanto, oito horas!

— Seja: esperá-lo-ei.

Ao meio-dia, quanto o barco ia levantar ferro, chega o director esbaforido:

— Desculpe-me perdi as chaves do Banco Nacional».

*Et cætera, et cætera, et cætera...* Tudo no mesmo tom.

Na quarta edição da *Geografia Económica*, de Marcel Dubois e J. G. Kergomard, pode, também, ler-se o seguinte:

«*Colónias*—O império colonial português é uma simples recordação histórica. Holandeses e britânicos dividiram-no entre si. O Brasil separou-se voluntariamente. O que resta não tem grande importância: Ilhas de Cabo Verde semi-desertas, pequena Guiné portuguesa, ilhas de S. Tomé e Príncipe, no golfo da Guiné, feitorias de Diu e de Goa, nas Indias, e de Macau, na China, metade de Timor, na Insulindia. As regiões sul-africanas de Angola e Moçambique, infelizmente separadas, podem ter-se na conta de Colónias. Mas a sua exploração está ainda bastante atrasada».

A-propósito, com justeza, dizia, há dias, o *Diário de Lisboa*:

«Como Marcel Dubois e J. G. Kergomard pretendem ser homens de ciência, parece que deviam empregar nos seus trabalhos métodos rigorosamente científicos para chegarem ao conhecimento exacto dos factos e fenomenos da sua especialidade. O que dizem acerca do nosso império colonial prova simplesmente que as suas ambições são moderadas: falam do que mal conhecem, no tom sapiente de quem nem sequer desconha de que pode errar.

Se loda a *Geographie Economi-que* for escrita com o mesmo aventureiro desbarraço, os seus leitores devem cuidar de procurar outra obra para se desintoxicarem».

ULTRAMAR acrescentará tão somente, fazendo suas as palavras da sentença consabida: *Ladram os cães e a caravana passa...*

## A maior figura Portuguesa No Ciclo das Descobertas

«Foi a esta politica de mysterio que D. João II deveu o êxito nas negociações concluidas no tratado de Tordesillas... Carlos Alberto Dias, «Introdução» à *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, pag. CXXV-CXXVI.

Cabendo-me a honra de colaborar, pela vez primeira, no órgão da *Exposição Colonial Portuguesa* e tendo já visto encarados, nos seus vários sectores, os mais interessantes problemas relativos à obra do Império Colonial Português, não queria que o meu papel se limitasse a repetir o que, por outros, foi tão criteriosa e brilhantemente observado até esta altura.

E esta é a razão porque me refugiei na História, pois que a obra da nossa Colonização, — heje consagrada pelas outras potências Europeias — já, em tempos de pior fortuna para os nossos domínios de Além-Mar, serviu de modelo, sob vários aspectos, a outros países que hoje formam à sua direita na ordem preponderante de nações civilizadas.

Portugal de Além-Mar — cita-o Lopo Vaz na sua *Politica Indígena* — foi admirado, tendo as suas medidas do século XVI, adaptadas, já neste século, por um colonial Inglês. E, por ocasião da *Exposição Colonial Francesa*, em 1931, esse grande figura de soldado e pioneiro da Colonização francesa, que é o general Lyautéy, propôs que, nas escolas do seu País, fosse estudada a História dos Descobrimentos e Conquistas de Portugal.

Não se pode, na verdade, conseguir melhores e mais insuspeitos elogios!

Ora, para que nós — em pleno séc. XX e em plena crise mundial — tenhamos conseguido estar numa situação internacional e, principalmente, colonial, quasi semelhante àquela que disfrutamos no tempo das Descobertas, é necessário que uma grande e inteligente vontade tivesse conseguido dar vida e realização plena ao grande sonho gerado em Sagres pelo atormentado espirito do *Infante Navegador*, glorioso filho desta nobre cidade, a quem a Exposição Colonial já rendeu o preito devido.

Mas, para que o sonho do Infante, conseguisse ter vida e triunfo, necessário se tornou que o elevado espirito do *Príncipe Perfeito*, o sombrio e inteligente D. João II, sobrinho-neto de D. Henrique, conseguisse preservar das ambições estranhas o glorioso patrimonio que os homens indicados no seu *quaderno* (ou *caderno de apontamentos*) tinham descoberto e conquistar o que Ele nos legou, naquella sua torturada agonia, em 24 de Outubro de 1495.

D. João II, a sua hercúlea e gigantesca figura de Diplomata e de Chefe, de Precursor e de Mártir — porque não? — da obra colonizadora de Portugal, não deve esquecer nem esquecerá, de certo, no conjunto admirável dessa evocação do Passado e, necessariamente, de lição para o Futuro, que será a brilhante *Exposição Colonial*, a inaugurar em 15 de Junho próximo.

FRANCISCO PEREIRA DE SEQUEIRA.

**ULTRAMAR** é largamente distribuído pelas Colónias, consulados e casas de Portugal no estrangeiro, centros de turismo, estabelecimentos de cultura e ensino officiaes e particulares, associações commerciaes, agremiações, organismos coloniaes, etc.



India — Ponte Dr. Oliveira Salazar



# Informação da quinzena

## O que se faz para a Exposição

### A Associação dos Comerciantes do Pôrto e a Exposição

A Associação dos Comerciantes do Pôrto, organização que, tendo filiações cerca de duas mil firmas, procura interessar todo o comércio e toda a população desta cidade, em todas as manifestações que representem desenvolvimento das actividades económicas da Nação ou que, isentas de qualquer modalidade ou intenção política, tenham por objectivo o engrandecimento da Pátria, vem contribuindo, desde o início, para a propagação do certame.

A fim de facilitar ao comércio, que tem relações com a província e com o estrangeiro, a forma de fazer uma eficaz e proveitosa propagação, a direcção desta Associação resolveu ceder aos srs. comerciantes, associados ou não, que na sua secretaria, à rua de Sá da Bandeira, 363-1.º, a requisição, um zincogravura própria para mandarem imprimir nos seus envelopes o réclame para a visita à Exposição Colonial Portuguesa.

Devem os srs. comerciantes, no seu próprio interesse, auxiliar esta propagação, utilizando-se dos valiosos serviços que esta colectividade, gratuitamente e num louvável intuito, lhes proporciona.

### A representação da lavoura

A Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, tomou espaço para a apresentação de um stand na Exposição Colonial, esperando que a lavoura se faça representar no certame.

### Guia para os turistas

A Polícia de Segurança Pública do Pôrto, vai editar, por ocasião da Exposição Colonial Portuguesa, um guia para os turistas, que inserirá uma carta da cidade, croquis das ruas que convergem para o Palácio das Colónias, relação de hotéis, pensões, taxis (com o respectivo preço), garagens de recolha, monumentos e locais dignos de visita, carreiras dos eléctricos, etc.

Esse guia será elaborado pelo comandante da 2.ª Divisão da P. S. P., sr. tenente Rogério Abranches, auxiliando-o o chefe sr. Soares, da Secção Administrativa. Todas as pessoas que possam e desejem fornecer quaisquer informações para a elaboração deste guia, poderão dirigir-se em carta ao sr. chefe Soares, da referida Secção Administrativa.

### Estudantes espanhóis no Palácio

Esteve, nesta cidade, um grupo de estudantes da Escola Normal de Pontevedra. Os estudantes, que se faziam acompanhar por alguns dos seus professores e pelo sub-director, visitaram as obras da Exposição no Palácio.

### Jornalistas espanhóis no Palácio

Estiveram no Palácio das Colónias alguns jornalistas espanhóis que vieram a Portugal assistir ao encontro de football Portugal-Espanha, como delegados do *Faro de Vigo* e de *El Pueblo Galego*.

Os visitantes, acompanhados pelo consul daquele país e pelos srs. Manuel Carvalho, presidente da direcção do Centro Português de Vigo e Mimoso Moreira, direc-

tor-adjunto da Exposição Colonial, percorreram os jardins e as naves do Palácio.

Os visitantes mostraram grande interesse pela organização do certame, afirmando que os jornalistas espanhóis não deixarão de salientar a grandeza e o belo significado da I Exposição Colonial Portuguesa.

### Obras no Palácio

A Câmara Municipal do Pôrto já iniciou, na ala esquerda do Palácio, as respectivas obras de reparação.

### Isenção de taxas e licenças

O sr. Governador Civil do Pôrto, accedendo ao pedido feito pelo director técnico da Exposição, resolveu isentar do pagamento de taxas e licenças habituais todos os particulares que desejem alugar quartos e partes de casas a forasteiros durante o certame.

Todas as pessoas que desejem alugar quartos durante a temporada da Exposição devem comunicá-lo para os escritórios do Palácio das Colónias (Palácio de Cristal), indicando o número de quartos, situação, preço diário e mensal.

### Representação de Timor

Além doutros elementos, a Colónia de Timor far-se-á representar no certame pelo tenente-coronel da segunda linha sr. Carlos Ximenes de Bucoli, três mulheres, duas de Banca e uma de Suro, o régulo do Suro Naicesso, com uma das suas mulheres, vários indígenas e um sargento metropolitano.

No próximo dia 14 de Abril, embarcará, em Batávia, ilha de Java, com destino ao Pôrto, o primeiro grupo de indígenas timorenses, em número de nove.

### O progresso das obras

Vão adiantadas as obras da instalação dos pavilhões típicos coloniais. A aldeia de Moçambique, iniciada, ainda, há pouco, está quasi concluída, oferecendo já um aspecto de veras original.

Foi, também, colocado sobre a fachada da primeira nave do Palácio o gigantesco elefante que, há tempos, se vinha construindo e que constituirá um dos melhores motivos decorativos.

### Gabinetes da Direcção e da Imprensa

Está, já, definitivamente, instalado o gabinete da Direcção Técnica da Exposição Colonial, nos antigos escritórios, do Palácio de Cristal. Está, também, instalado o gabinete da Imprensa e de ULTRAMAR, que tem sido muito visitado.

### Congresso do Intercâmbio Comercial com as Colónias

No Palácio da Bólsa, reuniram, os representantes das principais organizações económicas do Pôrto e de Lisboa, para tratar da realização do Congresso do Intercâmbio Comercial com as Colónias, em Setembro próximo.

Estavam presentes os srs. António de Oliveira Cãtem, pela Associação Comercial

do Pôrto; engenheiro Xavier Esteves, pela Associação Industrial do Pôrto e Associação Industrial Portuguesa; António F. Domingues de Freitas, pelo Centro Comercial do Pôrto; Armando Peixoto, pela Associação dos Comerciantes do Pôrto; tenente Henrique Galvão, pela direcção técnica da Exposição Colonial; dr. Lemos Ferreira, da Liga Agrária do Norte; Ricardo Spratley, pelo Instituto do Vinho do Pôrto; representantes da Associação dos Armadores Marítimos e Grémio dos Exportadores de Vinhos.

Foram trocadas impressões sobre a organização do próximo Congresso de Intercâmbio Comercial com as Colónias, Nesse congresso, que marcará uma nova fase na economia nacional, abrindo os mercados coloniais, serão debatidos os mais importantes problemas de ordem comercial e industrial, entre os quais, a protecção pautal para os produtos portugueses, auxílio à navegação colonial, expansão dos produtos coloniais, etc.

Os representantes daqueles organismos voltarão a reunir, a fim de se utilizarem os trabalhos de organização.

### Créditos para representação de Colónias

Foram autorizados créditos às Colónias de Macau e Timor, para a sua colaboração no certame.

### Congresso de Antropologia Colonial

Promovido pela Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia da Universidade do Pôrto vai efectuar-se, de 7 a 11 de Outubro futuro, nesta cidade, um Congresso de Antropologia Colonial, cuja comissão organizadora é constituída da seguinte forma:

Prof. dr. A. A. Mendes Corrêa, presidente; prof. dr. Hernani Monteiro, vice-pre-

sidente; prof. Luis de Pina e Alfredo Ataide, secretários gerais, e Joaquim R. dos Santos Junior, tesoureiro.

Para apresentação e discussão de comunicações e elaboração de votos, o Congresso estará representando em três secções:

1.ª — Antropologia, biologia étnica, grupos sanguíneos, presidente, prof. J. A. Pires de Lima.

2.ª — Etnografia, folclórica, linguística, psicologia, e religiões, presidente, Mons. dr. Manuel Alves da Cunha.

3.ª — Pre-história e arqueologia, geografia humana, migrações, demografia, criminologia e aclimação, presidente, conde de Penha Garcia.

Sobre o assunto trocaram impressões com o director-técnico da Exposição, os professores srs. drs. Adriano Rodrigues, Reitor da Universidade; Mendes Corrêa, director da Faculdade de Ciências, Almeida Garrett, Teotónio Rodrigues e Américo Pires de Lima.

### Prospectos de propagação

A Associação dos Comerciantes do Pôrto fez, já, espalhar pelos estabelecimentos comerciais do Continente e das Colónias, prospectos coloridos de propagação da Exposição.

### Serviços de enfermagem na Exposição

A sr.ª D. Helena Guimarães, parteira e enfermeira diplomada nesta cidade, ofereceu-se para tomar conta, gratuitamente, da Direcção dos Serviços de Enfermagem do Posto de Socorros e Tratamentos no recinto da Exposição, oferecimento que foi aceite pela direcção do certame.

### Representação de S. Tomé e Príncipe

De S. Tomé, entre outros elementos de representação, devem exhibir-se, no certame, 10 nativos em danças gentílicas.

### Obras do Município

O director da Exposição conferenciou com os srs. António Domingues de Freitas e Alfredo Cunha, respectivamente, vice-presidente e vogal do pelouro dos jardins da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Pôrto, acerca das obras a efectuar

# Empresa Insulana de Navegação

CARREIRAS REGULARES ENTRE LISBOA, MADEIRA E AÇORES

## Saídas em 8 de cada mês, para

Madeira, St.ª Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (St.ª Cruz), S. Jorge (Calheta), Lages do Pico e Faial.

## Em 23 de cada mês, para

Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Cais do Pico, Faial, Corvo e Flores (Lages e St.ª Cruz).

Bilhetes especiais para viagens de excursão (ida e volta) na mesma viagem, com duração de 15 a 17 dias, com 15 % de desconto no preço da tabela ou 20 % quando os excursionistas sejam em grupos não inferiores a 5 passageiros.

AGENTES EM LISBOA

**Germano Serrão Arnaud**

Cais do Sodré, 84

NA MADEIRA

EM PONTA DELGADA

Blandy, Brothers & C.º

Bensaude & C.ª, L.ª



Panorama de Macau



# Interesses coloniais

no Palácio de Cristal. Foram, também, abordados outros assuntos, respeitantes à colaboração da Câmara na Exposição, alguns dos quais devem ser motivo a uma proposta a apresentar na próxima sessão ordinária daquela Comissão Administrativa.

## Visitantes da Galiza

O director-técnico da Exposição recebeu do sr. cônsul de Portugal, em Tui, comunicação de que se acentua, naquela cidade espanhola, um vivo interesse pela Exposição prevendo-se que será elevado o número de individualidades que, daquela região, visitará o certame.

## Esquadra policial na Exposição

A P. S. P. vai instalar, por ocasião da Exposição, uma esquadra policial, com um grupo de sinealores, para regular o trânsito, à entrada e à volta dos jardins do Palácio de Cristal.

## Representação de Angola

Já chegaram ao Palácio 24 volumes da representação da Colónia de Angola, contendo a riquíssima coleção etnográfica, constituída por 1:020 peças diversas e pertencente a monsenhor Alves da Cunha.

## Propaganda da Parada Regional e Agrícola

Conforme ULTRAMAR já noticiou, foi distribuída uma circular pelos jornais da província de Entre Douro e Minho, pedindo-lhes que façam a propaganda da Parada Regional e Agrícola a efectuar durante o certame colonial, animando, assim, as populações dos respectivos concelhos a associarem-se a ela e esforçando-se por convencer as entidades superiores locais a darem o seu apoio moral e material.

Na mesma circular pede-se a publicação de números especiais, exaltando o significado da Exposição Colonial e, ao mesmo tempo, ponho em evidência aquela parada.

## Representação militar

O Ministério da Marinha concedeu o subsídio de 30 contos, para o grupo de navegação e representação da marinha de guerra.

Esse grupo documentará a acção da marinha de guerra na soberania e ocupação dos territórios coloniais, nos últimos 40 anos.

O Ministério da Guerra concedeu, também, o subsídio de 40 contos, para a organização da secção da epopeia militar na Exposição, reportada aos últimos 40 anos e na qual figuram bandeiras, trofeus, fotografias, etc.

## Todos os valores económicos das Colónias e Metropolitanos

Prestam o seu concurso ao grandioso certame

Continuação da lista dos senhores expositores inscritos para o certame:

Companhia Lusitana de Fósforos, Rua Silva Pórtio, 285, Pórtio; Alvão & Companhia, Rua de Santa Catarina, 120, Pórtio; Araújo Sobrinho & Suers., Largo de S. Domingos, 60, Pórtio; Sociedade de Perfumarias «Nally», L.da, Campo Grande, 189, Lisboa; A. Saigado, Rua 31 de Janeiro, 148-3.º, Pórtio; Companhia Hortícola Agrícola Portuense, L.da, Rua Azevedo de Albuquerque, 5, Pórtio; Luvária Vicente (S. A. R. L.da), Rua 31 de Janeiro, 183, Pórtio; Corporação Mercantil Portuguesa, L.da, Rua do Alecrim, 10-1.º, Lisboa; Amadeu da Conceição Roxo, Pórtio; Sociedade de Agricultura Colonial, Rua S. Nicolau, 26-1.º, Lisboa; Caminhos de Ferro de Benguela, Lobito, Angola (em Lisboa — Largo do Quintela, 3-1.º); Herdeiros do Dr. José Augusto Ferro, Tarrafal do Monte do Trigo, Santo Antão de Cabo-Verde; M. Ribeiro de Almeida, L.da, S. Vicente de Cabo-Verde; Companhia dos Tabacos de Cabo-Verde, L.da, S. Vicente de Cabo-Verde; Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos, «Aveiros»; Companhia Agrícola e Fabril da Guiné; Assis & C.ª (Empresa das Águas de Moura), Rua dos Sapateiros, 26, Lisboa; Compagnie Cotonièrre du Moçambique, Bruxelas; Dr. Wolf Götz, Rua de S. Caetano, 4, Lisboa; Companhia do Boror, Rua do Arsenal, 54-2.º, Lisboa; Companhia Colonial de Angocine, L.da, Praça Duque da Terceira, 24-3.º, Lisboa.

## A estabilidade ministerial como garantia dum trabalho profícuo

O Secretariado da Propaganda Nacional informa-nos do que se fez pelo Ministério das Colónias, nos últimos três anos, «em consequência imediata da estabilidade governamental». É interessante essa recapitulação, que, a seguir, reproduzimos:

**Obra Política e Administrativa.** — Realização da Idéa Imperial pela Carta Orgânica do Império; Reforma administrativa Ultramarina; Conferência de Governadores; Propaganda da política imperial, pelas seguintes iniciativas: Viagem do ministro a Paris; Reforma da Agência Geral das Colónias; Viagem do ministro às Colónias; Publicações da Agência Geral das Colónias; Criação da Ordem do Império; Criação do Arquivo Histórico Colonial; Criação da Coleção dos Clássicos da Expansão Portuguesa no Mundo; Criação do Boletim da Legislação Ultramarina; Criação da Revista *Mundo Português*; Vinda à Metrópole de uma companhia indígena.

**Obra Financeira** — Equilíbrio dos orçamentos 31/32, 32/33 e 33/34; Reconstituição da ordem financeira geral. (Decretos n.ºs 19:381, 19:471, 20:260, 21:054, etc.); Liquidação do passado.

**Obra Económica.** — *Protecção ao Comércio.* — Aproximação comercial das Colónias entre si; Aproximação comercial da Metrópole e das Colónias; Criação do crédito industrial em Moçambique; Reforma dos estatutos do Banco de Angola; Realização do princípio de que a economia de cada colónia deve estar para as suas próprias transferências; Leis de transferências de Angola, Moçambique e Timor; Fundos cambiais de Angola e Moçambique; Reconstituição do Banco Nacional Ultramarino; Nacionalização da moeda de Moçambique; Nacionalização da moeda da Companhia de Moçambique. *Protecção à agricultura e à colontização* — Prémios à cultura do algodão; Concessões de terrenos para pecuária (Decreto n.º 21:159); Alcool carburante; Florestas de Angola (Decreto n.º 21:600); Protecção à agricultura de S. Tomé; Protecção aos géneros coloniais; Organização das actividades coloniais; Criação do Sindicato de Pesca de Mossamedes; Criação do Grémio do Milho Colonial; Empréstimo de reconstrução económica para Cabo-Verde.

**Obra de Propaganda.** — Exposição Colonial de Paris; Feiras de amostras de Luanda e Lourenço Marques; Primeira Exposição Colonial Portuguesa; Criação das Casas da Metrópole e do Ultramar; Pequenas manifestações da Agência Geral das Colónias.

**Obra Judicial.** — Suspensão das remessas de degredados para Angola; Degredado nas Colónias (Decreto n.º 21:852).

## Pelo Ministério das Colónias

Passou a exercer o cargo de chefe da Repartição dos Correios e Telégrafos das colónias, o sr. engenheiro Mário Monteiro de Macedo.

No Ministério das Colónias, foi recebida a comunicação, por motivo de o sr. tenente-necéu do Centro de Saúde de Macau, Rocha Santos, haver deixado o cargo de chefe de gabinete do respectivo governador, por conveniência do serviço do seu cargo, foi aquela comissão confiada ao sr. tenente Filipe Costa.

O Conselho Superior da colónia continuou, ontem, a ocupar-se do processo respeitante à concessão de terrenos no pórtio exterior de Macau e do projecto do decreto que cria um lugar de notário na Vila João Belo, Moçambique, e regula o provimento dos lugares de secretários dos tribunais da Relação da Colónia e os exames de solicitadores.

Foi colocado, a seu pedido, na comarca de S. Tomé, o escrivão de direito de Lourenço Marques, sr. António da Silva; o escrivão da comarca da Beira, sr. José Maria de Almeida foi transferido, a seu pedido, para a de Lourenço Marques, e os sr. dr. Joaquim Gomes Rascão, foi nomeado, mediante concurso, escrivão de direito da comarca da Beira.

Foram pelo respectivo júri classificadas as provas dos magistrados do Ministério Público das colónias que concorreram a juizes de direito, sendo dadas a classificação de «Muito bom» a duas e a de «Bom» às restantes.

Pelo Conselho Superior Judiciário das Colónias foi feita a classificação, tendo primeiro em vista a nota do concurso, para todos a antiguidade de serviço, ficando clas-

sificados pela ordem seguinte: Armando Antero Navarro Soeiro, Antero Lopes Pereira Moutinho, José Alexandre Caldas Fração, António F. Correia da G. e Miranda, César Augusto da Silva Tórrès, José de Barros da Rocha Carneiro, José Alves Ferreira, Adriano Ernesto Ferreira de Almeida, Agostinho de Tórrès Fervereiro, Joaquim Rodrigues de Brito, Mário Gonçalves Ferreira e Manuel de Gusmão de Mascarenhas Gaivão.

Foi telegrafado ao Governo Geral de Angola ter sido prorrogada a comissão, por mais dois meses, ao inspector superior de Fazenda das Colónias, sr. Joaquim António da Fonseca, que está procedendo à inspecção dos serviços de Fazenda naquela colónia.

Passou a exercer o cargo de chefe da Repartição do Pessoal do Ministério das Colónias o engenheiro director das Obras Públicas da Índia, em Comissão no Ministério, sr. Caetano Marques de Amorim.

Segundo comunicação do Governo de Macau foram reorganizados os serviços de Polícia e o quadro do respectivo pessoal.

Do Ministério das Colónias informam-nos que é prematuro quanto se diga a respeito da reorganização do referido Ministério que está sendo elaborada pelo sr. dr. Armindo Monteiro.

Sob a direcção do sr. dr. Gonçalves Cardoso, que exerce actualmente o cargo de chefe da Repartição de Fiscalização Financeira das Colónias, estão sendo revistos os orçamentos gerais das colónias. Ainda não deram entrada no Ministério os orçamentos das colónias de Angola, S. Tomé e Timor.

No Ministério das Colónias, e sob a fiscalização do sr. dr. Gonçalves Cardoso, chefe, interino, da repartição de Fiscalização Financeira, está a proceder-se à revisão dos orçamentos gerais dos nossos domínios do ultramar. Não deram, ainda, entrada naquele ministério os das colónias de Angola, S. Tomé e Timor.

## Turismo na África do Sul

Em Guelo, Rodésia do Sul, realizou-se uma conferência de publicidade, à qual assistiu, como delegado da Companhia de Moçambique, o sr. comandante Raul Nunes Frade, que alvitrou a organização dum movimento turístico na Rodésia. A Beira seria, naturalmente, o pórtio indicado para a entrada dos turistas, para o que dispõe, já, de grandes facilidades.

## GUINÉ

O Governo da Guiné, atendendo ao grande desenvolvimento que vai tomando a agricultura, a indústria e o comércio naquela colónia, propôs que fôsse aplicado à Guiné o decreto que isenta de contribuição predial e mais impostos, as construções urbanas, e que essa isenção seja feita para as construções que estão sendo executadas ou a executar e que estejam concluídas até 31 de Dezembro de 1935, a fim de promover também o desenvolvimento dessas construções na colónia, especialmente em Bissau, que se está em tudo desenvolvendo extraordinariamente.

## ANGOLA

O Ministério das Colónias transmitiu ao governo de Angola as bases do método empregado, pelo professor sr. Félix Herelle, da Universidade de Yale, na extinção dos gafanhotos, no México, em 1908, e na Argélia, em 1915.

Foi mandado ouvir o Conselho Su-

perior das Colónias, sobre um requerimento do sr. D. Luis da Costa de Sousa Macedo (Estarreja) em que se pede o exclusivo de pesquisas mineiras na região de Cassinga, Angola. Foi também mandado ouvir sobre o projecto de regulamento relativo a concessões de licença para o estabelecimento e exploração das instalações eléctricas nas colónias.

A Associação Comercial de Vila Lusó, Angola, representou ao Governo a pedir que aquela localidade seja escolhida para sede da colónia.

## O uso de uniforme

Entra em 1 de Maio próximo, em execução, em todas as nossas colónias, o uso de uniforme, para os funcionários das mesmas, sem excepção.

## CABO-VERDE

Estão sendo montados os serviços de faróis em Cabo-Verde de forma a satisfazer as exigências da navegação, tendo sido enviados alguns faróis completos para serem montados naquele arquipélago. A pedido do governador vão ser enviados mais três faróis para o mesmo fim.

## ÍNDIA

O governo da Índia vai estabelecer um subsídio em rúpias equivalente a 3 contos anuais à Sociedade de Geografia de Lisboa, para despesas que a mesma Sociedade tem que fazer para o intercâmbio escolar por meio de correspondência epistolar.

## MACAU

O Governo de Macau submeteu à aprovação do Governo central o acordo feito com a Companhia do Cabo Submarino, relativamente à fixação das taxas terminais, em harmonia com a convenção internacional de comunicações.

## MOÇAMBIQUE

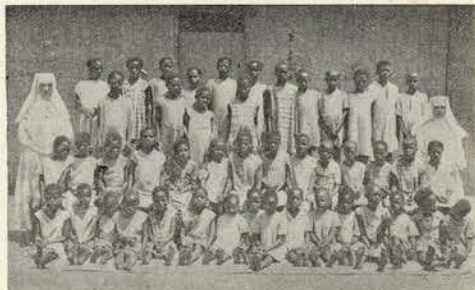
As receitas alfandegárias do pórtio da Beira em Janeiro foram de £ 23:349 contra £ 16:140 em Janeiro de 1933.

Vai ser brevemente publicado o novo regulamento da contribuição predial, na colónia de Moçambique. Por este regulamento a contribuição predial em Lourenço Marques recairá sobre o rendimento dos prédios e não sobre a área por estes ocupados, em conformidade com o regulamento actualmente em vigor.

## Hotel da Batalha

Por lapso deixamos de mencionar no anúncio publicado no último número, que o Hotel da Batalha possui telefone em todos os quartos, além duma cabine particular no primeiro andar.

Estes e outros melhoramentos introduzidos no referido Hotel tornam-o recomendável a todos quantos visitem o Pórtio.



Guiné — Irmãs franciscanas, em Bata, com os educandos



Encerrou-se, já, definitivamente, o concurso para o sêlo comemorativo do Acampamento Nacional dos Escoteiros de Portugal.

Para classificação dos concorrentes, vai reunir a Comissão Organizadora, sendo conselheiro registar o facto de a este concurso ter concorrido grande número de grupos desta cidade, provincia e Ilhas.

Da Madeira foi recebida pela Comissão Organizadora, uma carta, da qual transcrevemos a passagem seguinte:

«Lavra grande entusiasmo entre os escoteiros madeirenses pelo Acampamento Nacional, sendo nosso desejo mandar uma delegação, condigna, ao Acampamento.»

Também pelo Escoteiro Chefe do Núcleo de Lisboa, sr. Rui Gomes dos Santos, foi enviado a esta Comissão, um officio no qual comunica que Lisboa está empenhada em enviar, ao Pôrto, uma boa delegação.

Para os trabalhos de campo, no próximo domingo, foi indicado o grupo 41, de escoteiros, anexo ao Club Fluvial Portuense.

Este grupo, que nos últimos tempos tem tido uma regular actividade, graças à transformação porque passou, é um dos de maior effectivo, dedicando-se às modalidades náutica e terrestre, dado o facto da sua anexação ao veterano Club Fluvial.

Acresce, ainda, que o 41 é o único grupo que nesta cidade está exercendo a sua actividade numa organização desportiva, exemplo este que é bem digno de ser imitado por todas as colectividades que ao desporto se dedicam.

Reúniu a comissão organizadora do Acampamento Nacional da A. E. P., que tomou conhecimento dos trabalhos realizados, tendo os seus diversos componentes dado contas das várias incumbências com que haviam ficado na última reunião.

Foram já destinados trabalhos aos diversos grupos e resolvido ser apresentados, a esta comissão, projectos de outros trabalhos, refintamente escotistas, para o Acampamento, tais como: entradas de campos, mesas, assentos, resguardos, etc., etc.

Mereceu atenção especial o funcionamento do Campo Permanente, que se destina à permanência de escotistas de diversas Associações e nacionalidades, assim como a campistas.

Também mereceu apreciação demorada a representação das Ilhas e provincias ultramarinas e a tenda especial destinada ao Escotismo Colonial.

Resolveu-se prolongar por mais uns dias, por terem sido recebidos pedidos nesse sentido, o prazo para a apresentação do projecto do sêlo comemorativo.

Outros assuntos de interesse foram tratados, assim como incumbidos de missões especiais alguns escoteiros-chiefes.

A organização da A. E. P., cujo primeiro grupo foi fundado em 1911, em Macau, pelo comandante Melo Machado, depois 1.º Escoteiro Chefe Geral desta Associação e seu actual membro da Comissão Permanente, estende-se, como não podia deixar de ser, não só às nossas ilhas como às Colónias portuguesas.

Assim, têm-se salientado pela sua acti-



ORGÃO OFICIAL DA EXPOSIÇÃO COLONIAL

O QUE VAI SER NA EXPOSIÇÃO COLONIAL

## O Acampamento Nacional dos Escoteiros de Portugal

vidade os grupos, nas Ilhas do Funchal, Horta, Ponta Delgada, Angra do Heroísmo, S. Jorge, etc., e nas provincias ultramarinas de Macau, Pangim, Praganá, Damão, que isso, uma alegria imensa ver, no nosso Acampamento, representadas as nossas provincias ultramarinas, purcelas bem queridas do nosso amado Portugal.



Moçambique — Beira — Ponte Cats

Saligão, etc., na Índia; Nova Lisboa, Benguela, Chinguar, Sá da Bandeira, Luanda, etc., em Angola e Beira, Lourenço Marques, etc., em Moçambique.

Do valor da actividade destes grupos fala bem a cooperação dos Escoteiros de Portugal, na Feira das Amostras, em Luanda e tantas outras.

Aos escoteiros de além-mares, foi, pela Comissão Organizadora do Acampamento Nacional, enviada a seguinte circular:

Aos irmãos escoteiros de Além-Mares — Tem o Pôrto a honra de realizar a 1.ª Exposição Colonial e, durante ella, o Acampamento Nacional da nossa Associação, comemorativo do 21.º aniversário, e um Campo Permanente.

Seria, para o Pôrto, uma honra, mais

E assim é que, independentemente da mensagem que vos enviou o Escoteiro Chefe do Núcleo do Pôrto, a Comissão Organizadora do Acampamento Nacional vem até vós para vos dizer:

Irmãos Escoteiros de Além-Mares: O Pôrto, conta convosco ansioso por receber-vos como hóspedes amigos, como irmãos queridos. As nossas tendas, vossas serão, assim como vossa será a nossa mesa. E à noite, à volta da fogueira simbólica, depois de fumarmos o cachimbo da paz, os nossos corações mais se unirão pelo amor bem fraterno, puro e vivo, como puras e vivas são as chamas do nosso fogo.

Irmãos: o Pôrto, antes, os vossos irmãos e escoteiros do Continente, contam convosco e enviam-vos suas saudações de paz e amor, desejando-vos boa coça.

Aumenta o entusiasmo, entre os escoteiros desta cidade, pelo Acampamento Nacional, comemorativo do 21.º aniversário dos Escoteiros de Portugal, que, no ano corrente, se realiza, nesta cidade, no recinto da Exposição.

Nos grupos, a actividade para o Acampamento já foi iniciada e, enquanto os velhos escoteiros se vão procurando aperfeiçoar, os aspirantes cuidam das provas a prestar enquanto as inscrições, nas diversas sedes, continuam abertas, para novos aspirantes.

Para flutuação dos grupos que, nesta cidade, existem e porque, em todos-elles, a inscrição está aberta para novos aspirantes, damos uma nota das suas sedes e suas características:

Grupos n.ºs: 15 (neutro), sede na A. O. M., rua José Falcão; 17, British School, Foz do Douro; 48 (neutro), rua Alvares Cabral 305; 41, anexo ao Clube Fluvial Portuense, r. Clube Fluvial, tel. 1058; 51, rua do Molhe, Foz; 57 (Evangélico), Igreja Evangélica de Lordêlo; 58, anexo à Legião do Bem, r. de Santo Idefonso; 70, Igreja Evangélica, Praça do Coronel Pacheco; 71 (católico), rua Dr. Barbosa de Castro, 69; 100 (Evangélico), r. de Camões, 676; Núcleo do Pôrto, rua de Cedofeita, 98-1.c; Comissão organizadora do Acampamento Nacional, rua Cedofeita, 98.

Ao Campo Permanente, que, pela primeira vez, se realiza entre nós, poderão ser pedidas informações ao Escoteiro-Chefe do Núcleo do Pôrto, sr. dr. Antonio Maria de Vasconcelos, R. de Cedofeita 98-1.º, tel. 6108.

Conferenciarão de novo, com o director da Exposição dois delegados da Comissão Organizadora do Acampamento.

Em virtude deste encontro, devem iniciar-se em prova, os trabalhos de adaptação e preparação dos terrenos para o Acampamento e Campo Permanente.

Para a sede central dos Escoteiros de Portugal, foram, já, enviados, também projecto e regulamentos destas duas actividades escotistas.

### Aos Senhores Expositores e ao Público

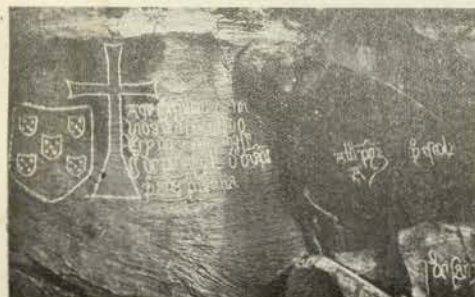
O sr. tenente Henrique Galvão, Director-técnico da Exposição, enviou aos senhores Expositores a seguinte circular concebida nestes termos:

«Ex.ºs Senhores: Pessoas pouco habituadas a trabalhar, e com o vício de falarem de mais, espalham, não se sabe com que intenção, que a Exposição Colonial não poderá ser inaugurada na data annunciada, isto é, em 15 de Junho.

Como o boato pode induzir em erro os Senhores Expositores, mais uma vez se desmente que esteja previsto qualquer adiamento. Os trabalhos correm regularmente e estarão concluídos a tempo, por mais que pese aos derrotistas.

Os senhores Expositores que ainda não começaram os trabalhos devem iniciá-los quanto antes, pois a pontualidade de inauguração será observada e cumpridas inflexivelmente as disposições regulamentares que impõem aos Senhores Expositores a conclusão dos trabalhos em 1 de Junho, sob pena de eliminação.

É necessário dar, pela primeira vez em Exposições, um exemplo de ordem e pontualidade, pelo que se apela para todos, no sentido de concorrerem, não só com o brilho das suas representações, mas também com o equilíbrio e a seriedade reconhecidas das suas organizações.»



Angola — As pedras de Diogo Cão no lugar de Kola-Kola a cerca de 5 milhas a montante de Matadi.

Cartas de propaganda da Exposição mandado executar e largamente distribuído por todo o País e Norte da Espanha pela Associação dos Comerciantes do Pôrto, — importante organismo económico que conta, presentemente, alguns centenares de associados.

visita a primeira

# EXPOSIÇÃO COLONIAL PORTUGUESA

PÔRTO — JUNHO A SETEMBRO DE 1934

PORTUGUESES! MOSTRAI AOS Vossos FILHOS O VALOR DO N.º 580 PATRIMÓNIO ULTRAMARINO